

Presidente da SEC defende conversão apenas em Bolsa

Sônia Araripe

A conversão da dívida externa em capital de risco é uma alternativa muito mais inteligente do que apenas optar por novos endividamentos junto aos bancos estrangeiros. Uma das opções ainda mais atraente é a conversão da dívida através das Bolsas de Valores. "É claro que tem muito mais risco, mas é o próprio mercado de capitais que define este risco e não apenas uma junta de bancos credores", avalia o presidente da Securities and Exchange Commission, David Ruder, um órgão norte-americano que corresponde a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) no Brasil.

David Ruder assumiu a presidência da SEC, que tem sede em Washington, no dia 8 de agosto. Ontem, logo após ter chegado ao país para participar do 12º Conferência Internacional de Comissão de Valores Mobiliários, ele aceitou falar pela primeira vez à imprensa desde que assumiu a presidência do órgão. Muito simpático, o novo presidente da SEC conta que, assim como o presidente da CVM é escolhido no Brasil pelo presidente da República, e depois tem seu nome aprovado pelo ministro da Fazenda e Congresso, sua escolha também foi feita pelo próprio presidente Ronald Reagan, e depois aprovada pelo Congresso norte-americano.

Ele admitiu que ainda não conhecia a intenção do governo brasileiro em converter parte de sua dívida externa (hoje em torno de 110 bilhões de dólares) em investimentos de risco, nem de usar o mercado de capitais como uma das opções para esta conversão. Ele se mostrou surpreso diante da notícia de que a CVM está lançando o Fundo Brasil — que terá patrimônio inicial de 150 milhões de dólares e irá lançar na Bolsa de Nova Iorque cotas que serão adquiridas por fundos de pensão e seguradoras norte-americanas ou européias interessadas em investir no Brasil. Este fundo representa a entrada de dinheiro novo para o mercado de ações brasileiro, e não a conversão de dívida. Como será lançado na Bolsa de Nova Iorque (ou seja, será formado no mercado norte-americano), sua regulamentação será feita junto a SEC.

— Me parece uma excelente idéia — opinou o novo presidente da SEC, que, antes de assumir o órgão, trabalhava como professor de Direito.

David Ruder disse que o mercado de capitais tem um importante papel na internacionalização das economias: com uma "linguagem" universal, todos os mercados de capitais do mundo, seja o da Coreia, do Brasil ou

dos Estados Unidos, poderiam estar interligados, permitindo uma rápida troca de capitais. Esta sua idéia tem como primeiro embrião, em nível nacional, o Fundo Brasil. Como o presidente da CVM, Luiz Octávio da Motta Veiga, costuma frisar, este Fundo será a "primeira iniciativa de colocar o Brasil na vitrine do mercado de capitais internacional".

Reconhecendo que o Brasil, assim como outros países latino-americanos, não pegou o "trem do desenvolvimento do mercado de capitais", Ruder acha que este tempo não foi inteiramente perdido e ainda pode ser recuperado. Um dos principais objetivos do 12º Congresso de Comissões de Valores Mobiliários, que começa amanhã, no Hotel Rio Palace, é justamente este. "Queremos criar um memorando de entendimento para que todas as comissões de valores mobiliários do mundo possam trocar informações com mais rapidez", explicou.

E para os que receiam que esta internacionalização do mercado capitais possa trazer riscos de desnacionalização das empresas brasileiras, o presidente da SEC opinou:

— Posso até entender este receio. Há muitas correntes de pensamento nos Estados Unidos que acreditam que o Japão está tomando muito espaço na nossa economia. No entanto, há alguns anos acusavam os Estados Unidos de terem este papel nas economias de países em desenvolvimento.

A seu ver, esta opção de entrada de recursos externos, via Bolsas de Valores, é muito melhor do que apenas o endividamento, com a vantagem de que o risco não depende apenas da avaliação dos bancos credores, mas do próprio mercado acionário.

Ele revelou que o Brasil pode ser um excelente investimento para os próximos anos, baseado nas informações de que o Fundo Brasil tem tido grande procura, como tem anunciado o presidente da CVM, Motta Veiga. Mas frisa que, na verdade, isto só ficará definido com o início do funcionamento do novo fundo. "Se tiver muita procura e grande liquidez, então ficará comprovado que o Brasil realmente é um bom investimento para os próximos anos", explica.

Em sua primeira visita ao país, David Ruder já tem sua impressão sobre se o Brasil é um bom investimento ou não: pelo passeio que fez em Copacabana, próximo ao Hotel Rio Palace, onde está hospedado, o novo presidente da SEC percebeu que a economia brasileira só tem a ganhar, abrindo um espaço maior para a economia internacional.